

Entrevista com George Israel

Sempre que se refere a George Israel, o vocalista do Paralamas do Sucesso, Herbert Vianna, costuma exaltar a facilidade que o músico tem para compor. Mas este é apenas um dos talentos do saxofonista do Kid (Abelha). Arranjos, melodias, composições, toques de piano, teclado ou violão também são sua praia. E talvez seja essa uma das razões pela qual o Kid Abelha nunca deixa de ser um grupo da moda na visão dos adolescentes. Só o histórico musical de George Israel já é um relato do panorama musical do Brasil nos anos 80, com direito a uma banda formada por ele, Bruno Araújo (ex-Legião Urbana) e Frejat (Barão Vermelho), além de uma fita demo (demonstrativa) que rolou na extinta Rádio Fluminense. Se Paula Toller é a musa, com certeza George Israel é o multi-talento do Kid.

Saxofone: Comecei a tocar saxofone com o Kid Abelha. A gente tocava meio de farra até que tudo aconteceu para o grupo. Não foi nada premeditado, nada de 'vamos fazer uma banda para tocar e para fazer disco'. Era mais curtidão mesmo.

Primeiro instrumento: O saxofone não foi o primeiro instrumento que toquei. Antes dele eu já tocava violão há bastante tempo, cheguei até a ter uma banda quando tocava violão. Comecei a tocar aos 14 anos. Tive umas aulas e depois passei a tirar as músicas de ouvido, das revistas dos Beatles ou daqueles livrinhos com partituras que são vendidos nas bancas de jornais. Não tive uma formação acadêmica. Toquei violão durante uns cinco ou seis anos. Era violão de 'fogueira', de levar para as viagens com os amigos, curtir, tocar. Acabou rolando algumas bandas com amigos. Tocávamos em festivais de colégios, saraus, essas coisas bem de levitação de som mesmo, tipo Teresópolis. Depois participei de uma banda com o Frejat. Nós tínhamos casa no mesmo condomínio em Teresópolis e formamos uma banda, mais ou menos em 1978. Essa primeira banda não tinha nome, mas depois, quando eu comprei o saxofone, formamos um outro grupo, também com o Frejat, chamado Fim de Rua. Ensaíávamos na casa de um amigo em Laranjeiras. Quem também tocava era um músico que acabou ficando bastante conhecido, o Bruno Araújo, baixista, que já trabalhou com o Legião Urbana, com o Rio Sound Machine e outros artistas. A formação do Fim de Rua era com o Bruno, Frejat, mais dois músicos e eu. Tocamos durante um ano. Nesse meio tempo eu conheci o pessoal do Kid -

a Paula, o Leoni e o Bruno. Era uma época em que todo mundo tocava em três ou quatro bandas, éramos fissurados para tocar, todo mundo que chamava a gente ia.

Viver de Música: Não, não existia essa intenção. Eu estava fazendo faculdade de Engenharia Eletrônica na PUC-Rio e tocava sempre. Mas não havia a menor perspectiva de ganhar dinheiro com isso. Não tinha mesmo. Inclusive porque na época não havia muitas bandas e as poucas que existiam já tinham muito tempo de carreira como por exemplo A Cor da Som. Eram bandas de outras gerações. As bandas da nossa geração ainda não tinham acontecido. A primeira banda contemporânea que aconteceu, que eu me lembre, foi a Blitz. Aí pintou o Circo Voador e com ele todo um movimento de bandas novas.

Kid: Conheci a Paula, o Leoni e o Bruno em 1981. Tocávamos por lazer. Um dia o pai de alguém, que não me recordo, nos ofereceu oito horas de estúdio gratuitamente. Era um estúdio no Rio, na Praça Onze. Ensaíamos uma música, "Distração" e gravamos. Nesse momento, quando surgiu o Circo Voador, a Rádio Fluminense começava a abrir espaço para tocar fitas demo de novas bandas ao mesmo tempo em que começava a rolar um movimento de lugares pra tocar. Levamos a fita na Fluminense e a música começou a tocar bastante na rádio. Foi então que começamos a fazer shows. Tocávamos músicas novas, um repertório de canções que incluía "Pintura Íntima" e mais uma ou duas que entraram no primeiro LP. Depois voltamos ao estúdio e gravamos mais quatro músicas e entramos num 'pau de sebo' (um disco com várias bandas novas) da Warner que até está saindo agora em CD, chamado "Rock Voador". Ficamos um bom tempo com "Distração" tocando só na Fluminense. As músicas do disco não tocaram em nenhuma outra rádio, era uma coisa bem do Rio mesmo. Depois do lançamento do "Rock Voador", a Warner decidiu escolher uma banda para gravar um compacto. Das seis bandas que participaram desse 'pau de sebo', cada um com duas músicas, o Kid Abelha (e os Abóboras Selvagens) foi o escolhido. Nos apresentaram ao Lulu Santos que acabou sendo o produtor do compacto em que regravamos "Pintura Íntima". No outro lado gravamos "Por que não eu?". O que veio depois foi a própria história do Kid Abelha.

Violão e sax: Por que troquei o violão pelo saxofone? Pôxa, porque ninguém me escutava (risos). Geralmente as bandas em que eu tocava eram formadas por bateria,

baixo, guitarra e violão. E o violão é um instrumento difícil de ter o som amplificado. Esse foi um dos motivos. O outro foi porque fiz uma viagem para fora do Brasil, fiquei uns meses fora passeando pela Europa. E lá eu ficava fissurado para tocar alguma coisa. Arrumava violão emprestado, comprei uma gaita para tocar na viagem e, um dia, passeando pela Alemanha, andando na rua escutei o som de uma banda vindo do porão de um prédio. Fui lá, desci, bati na porta e tinha uma banda ensaiando. Perguntei se eu podia ficar assistir ao ensaio e eles disseram que sim. Perguntaram se eu era músico, começamos a conversar, eles me emprestaram a guitarra, levamos um som, mostrei umas músicas brasileiras... Um dos caras tocava saxofone. Aí eu olhei o instrumento, observei ele tocando, achei bacana e aquilo me chamou a atenção. Da Alemanha, segui de trem para a Suíça. Ia ficar lá umas duas ou três semanas. E lá procurei um professor de saxofone que me deu umas aulas particulares. Aluguei um saxofone velho dele e comecei a aprender o bê-a- bá, ou seja, aprender as notas, os sopros... E gostei. Estudava dentro das cabines telefônicas para não fazer muito barulho e não incomodar a galera da casa aonde eu estava hospedado. Antes de voltar para o Brasil, em 1980, comprei um saxofone, um Buscher de 1926 que guardo até hoje. Toquei na Europa umas duas semanas e quando cheguei no Brasil me inscrevi numa aula e comecei a estudar. Mas quando voltei da viagem eu já sabia levar um som com o sax. Eu já possuía um certo conhecimento de música, não de saxofone, mas de música em geral. Como o sax é um instrumento diferente e fácil de colocar numa banda, findou que comecei a levar som com um monte de gente. Posso te dizer que aprendi tocando, não tive formação acadêmica. Mas para aprender a tocar bem leva tempo. Tanto que até hoje não sei tocar tão bem (risos). Mas é um instrumento relativamente fácil para começar a levar um som, pelo menos para mim foi super rápido. Daí a tocar bem... Dentro do tempo que se demora para aprender bem um instrumento, achei o saxofone rápido no sentido de você poder tocar alguma coisa com outras pessoas. Não é instrumento que demora tanto para você poder brincar, levar um som. Para tocar bem é difícil dizer porque vai depender da disponibilidade de tempo e de estudo.

Compondo: Não uso o saxofone para compor, pelo menos não ultimamente. Quando comecei a tocar até usei para compor alguma coisa, tipo um chorinho. Mas para compor música popular, pop mesmo, é com violão ou piano. Toco piano só pra compor mesmo, dar uns acordes, brincar um pouco ou uso o teclado para alguma idéia muito simples durante uma gravação. Mas tocar mesmo, não toco. Toco mais violão, inclusive

nos shows e nos discos. Na verdade, não sou um instrumentista. Não sou um saxofonista, eu toco sax e violão. Componho bastante, curto também a parte de produção, arranjos e tenho até um estúdio em casa. Os últimos dois discos do Kid foram feitos no meu estúdio. Acredito que 80% das músicas do Kid Abelha levam saxofone ou o naípe - que é sax, trompete ou trombone. Mas não aparece em todas as músicas do Kid porque em muitas eu toco só violão.

Função: No Kid eu não me vejo como saxofonista. Também componho, faço arranjos e procuro perceber o que a canção precisa. É lógico que o sax é uma marca também dentro do Kid e ao vivo é um instrumento bem legal de tocar. Minha função no grupo é muito mais abrangente do que só tocar sax. Faço praticamente a maioria das músicas, o que é umas das atividades que mais gosto. Nos dois últimos discos do Kid eu participo do processo inteiro. Ambos eu produzi com o Kadu, que é o nosso baterista. Nós fazemos muito laboratório no estúdio, em casa, estudamos a levada das músicas e só no fim dessa história toda é que vem a idéia do sax. E vai muito em função da música, diferente do que aconteceu no primeiro disco onde eu desejava que tivesse saxofone em todas as músicas, o tempo todo, que era para eu poder mostrar tudo o que eu sabia e não sabia. Com o tempo você percebe que o certo é só usar o instrumento para valorizar a música. Nos shows, o efeito é muito legal. É um instrumento que, além de ser visual, é gostoso de ser tocado ao vivo. É quase como cantar, é o sopro que vem de dentro, você tem que respeitar a respiração. É um instrumento que tem sensualidade. Guitarra também tem, a bateria tem uma virilidade, cada instrumento tem a sua praia. O saxofone é um instrumento de solo bastante diferente do habitual, chama a atenção e ao vivo funciona muito bem. Tenho até mais prazer de tocar sax ao vivo do que durante as gravações. Se eu tiver que escolher entre violão e sax nos shows, opto pelo sax.

Pra Ficar Fera: O saxofone é um instrumento que exige energia para o estudo. Em casa, você pode estudar violão, guitarra ou piano sentado no sofá, vendo televisão ou falando no telefone. Com o sax, não. Você tem que parar tudo e falar 'vou estudar saxofone'. Aí você vai lá, pendura o instrumento que é pesado, na maioria das vezes tem que tocar sentado, ou seja, é preciso estar com uma energia disponível porque ele exige muito de respiração e disposição, inclusive física. De resto, é tudo igual. Todo instrumento, se você quer evoluir, tem que ralar, estudar, tocar sempre. O tempo que

dedico a música ultimamente é muito pouco de estudo. Nas horas livres quase sempre estou em estúdio, fazendo uma música, um arranjo, ensaiando, ou seja, quase sempre me dedicando a atividades mais práticas. Sinto falta de ter aquele tempo de estudar mesmo, que é a melhor maneira para evoluir rapidamente num instrumento. Mas não tenho a pretensão de ser um virtuoso no saxofone, minha pretensão vai mais pelo campo das idéias. Minha história musical é muito mais de compositor. Até com o saxofone é assim. Uso mais no sentido de compor um arranjo ou uma melodia do que na tentativa de ser um músico que domina totalmente o instrumento, porque pra isso é preciso dedicação. Embora eu ache importante, para quem lida com música, saber tocar muito bem pelo menos um instrumento.

Ídolos: Gosto da praia mais antiga, mais cool. Já gostei do David Sanborn e alguns outros, mas hoje em dia quando escuto o discos de algum saxofonista não me interessa muito se o cara está tocando muito bem para poder executar determinada música. Eu me desinteressei por esse lado. Um brasileiro que gosto bastante e que agora está tocando mais clarinete do que saxofone é o Paulo Moura. Ele é muito musical, um super talento. Admiro brasileiros como Léo Gandelman e Mauro Senise que tocam muito bem. E tem uma garotada, um pessoal novo, que toca pra caramba. Temos muitos saxofonistas legais no Brasil. Na verdade, não tenho muito interesse na música vista pelo saxofone, não é o que mais me interessa. Às vezes ouço numa música um super arranjo de naipe – o que voltou a ser utilizado com frequência, inclusive pelo Kid – e gosto. Mas, de uns tempos para cá, para fazer um solo de sax, principalmente em disco, tomo o maior cuidado. Tem que ser muito bem colocada para ficar original, senão fica parecendo que já vem pronto. Fazer solo só para ter o naipe do sax rolando não me interessa, fica um som que já foi muito usado e explorado, em especial na década de 80.

Melhores Marcas: A melhor marca é a Selmer. É a que costumo usar nos shows. Mas existem outras marcas conhecidas e boas, porém a mais tradicional é a Selmer. Tenho dois dessa marca, um alto e um tenor, além do Buscher que foi o meu primeiro sax e que guardo até hoje.

Agradando aos Jovens: Nesse último show do Kid conseguimos juntar tudo. Desde o projeto acústico, quando reformulamos canções antigas que nós gostamos mas